



180 anos  
da Imigração Alemã

## São Leopoldo, onde a história começou

Desde que os primeiros 39 imigrantes alemães chegaram ao Estado, em 25 de julho de 1824, fixando-se às margens do rio dos Sinos, São Leopoldo, hoje com mais de 200 mil habitantes, viveu uma trajetória de luta, sacrifício e determinação, que a transformou na décima economia gaúcha. Referencial em índices de qualidade de vida, com destaque para saúde e educação, a organização e o desenvolvimento são as maiores marcas nas cidades com predominância de descendentes alemães.

A língua e a cultura alemãs continuam de grande importância não só no dia-a-dia, mas nas festas locais, na música e na dança. Durante muitos anos, o alemão foi o único idioma falado pelos descendentes, com as crianças só vindo a conhecer a língua portuguesa ao chegarem às escolas. Nos últimos anos, com a melhoria dos meios de transportes e de comunicação, diminuiu o número de pessoas que só falam alemão.

No entanto, pela importância do idioma e da preservação das origens, o quadro começa a se inverter. Atualmente, muitos municípios procuram manter ou introduzir a língua alemã no currículo escolar. No ano passado, cerca de 18 mil alunos aprenderam alemão em 250 escolas e 1.819 participaram com sucesso nos exames do idioma, reconhecidos também na Alemanha. O próprio Ministério das Relações Exteriores da Alemanha apóia o ensino da língua alemã no Brasil, através de recursos financeiros e de pessoal.

## Educação, a marca dessa colonização

A educação como prioridade marcou a colonização alemã no Estado, se transformando, ao longo desses 180 anos de história, em uma das características básicas dos imigrantes. A construção da escola era uma das primeiras providências adotadas pelas comunidades. A escola aos domingos funcionava como capela e salão para a reunião semanal, o lazer e a troca de informações. No entorno girava a própria vida dos imigrantes, diz o pesquisador da história da educação no RS e professor de pós-graduação em Educação da Unisinos, Lúcio Kreutz.

Ele destaca que a falta de ensino público motivou os imigrantes a organizarem as suas próprias escolas. Inicialmente, contavam com os professores que chegavam nos grupos de imigrantes e, posteriormente, partiram para a criação de escolas de formação de professores. Kreutz cita que duas igrejas – a Luterana Evangélica e a Católica – estiveram muito próximas ao processo escolar, servindo como estruturas de apoio. Até a década de 1930, praticamente não havia alfabetos nas comunidades teuto-brasileiras, tanto nas áreas urbanas como nas rurais.

Enquanto nas áreas urbanas os alunos recebiam uma educação nos moldes da Alemanha, para que pudessem dar continuidade aos estudos, nas áreas rurais o currículo previa que as crianças aprendessem o essencial, vinculado à realidade em que viviam. Kreutz diz que as próprias comunidades organizavam e imprimiam o material didático.

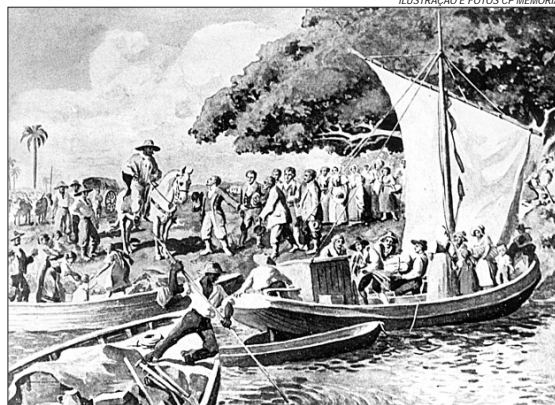
# Domingo para resgatar os 180 anos

## Setenta atores protagonizam no Rio dos Sinos a chegada da primeira leva de colonos alemães ao RS

São Leopoldo vai voltar no tempo neste domingo, a partir das 11h, e reviver o início de sua história. Há 180 anos, quando chegaram ao Vale do Sinos os primeiros 39 imigrantes alemães. Uma reconstituição encenada por 70 atores promete emocionar quem assistir ao espetáculo às

margens do Rio dos Sinos, exatamente no local onde os alemães desembarcaram, em 1824. Mais do que uma encenação, a programação deste domingo é um resgate histórico baseado em dados reais e fiel às informações sobre a época.

Encenação como a que será apresentada neste ano ocorreu apenas outras duas vezes ao longo da história da cidade, mas nunca com tanto significado. Na última vez, há cinco anos, praticamente só os leopoldenses assistiram. A primeira, em comemoração aos 150 anos da imigração, teve a presença do então presidente Ernesto Geisel e, de tão emocionante, ficou conhecida como a data em que o presidente chorou, conta Henrique Prieto, presidente da comissão dos festejos dos 180 anos da imigração.



O desembarque dos 39 imigrantes em 1824, na concepção do pintor Ernst Zeuner

## Velas para o desenvolvimento

A manufatura de velas para navios foi o ponto de partida para o desenvolvimento das cidades do Vale do Sinos pelos imigrantes alemães. A infraestrutura da fazenda real Linho Cânhamo, que daria origem a São Leopoldo, foi utilizada pelos primeiros 39 imigrantes que desembarcaram nas margens do Rio do Sinos no dia 18 de julho de 1824 e fundaram São Leopoldo. Os primeiros imigrantes se dedicaram à agricultura de subsistência e ao artesanato, segundo o historiador Telmo Lauro Müller, diretor do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo. "Eram colonos enviados para trabalhar na terra e desenvolver a agricultura a partir da Real Felitoria do Linho Cânhamo. Também vieram soldados, mas foram enviados para outras regiões", frisa o historiador.

A segunda leva, de 81 imigrantes, desembarcou em São Leopoldo em 6 de novembro de 1824. "Até a Revolução Farroupilha, em 1835, chegavam até cinco navios por ano, totalizando mais de 10 mil imigrantes", explica Müller. No Museu Visconde de São Leopoldo há documentos e fotos históricas dos primeiros imigrantes e a relação dos sobrenomes dos colonizadores. Um exemplo é o do pastor Wilhelm Rottermund, que chegou a São Leopoldo em 1874, assumiu a comunidade evangélica e criou uma livraria e uma gráfica. Além de fornecer livros em alemão para os imigrantes, Rottermund editou o jornal Deutsch Post. Seus bisnetos, Guilherme e Rolf, mantêm até hoje a indústria gráfica e a livraria.



No hoje bairro Felitoria, a casa dos imigrantes, onde tudo começou

## Produção em escala industrial Surge um império siderúrgico

Como foram os primeiros a produzir calçados em escala industrial no Rio Grande do Sul, os alemães e seus descendentes são vinculados ao setor coureiro-calçadista quando se fala sobre a contribuição da colonização alemã para o desenvolvimento da indústria. O mesmo acontece com a região do Vale do Sinos, onde foi grande a concentração daqueles que vinham para o Sul. Passados 180 anos da chegada dos primeiros imigrantes, é impossível dissociar a cultura germânica dos segmentos industriais.

Na região Metropolitana de Porto Alegre, os segmentos nos quais os imigrantes alemães e seus descendentes mais marcaram presença – metal-mecânica, metalurgia e calçados – são responsáveis por 25% da mão-de-obra utilizada no setor industrial, de acordo com dados do Dieese/RS. No ano passado, a produção na indústria mecânica no Estado cresceu 21,9% e a metalúrgica, 3,9%, conforme os indicadores levantados pela Fundação de Economia e Estatística (FEE). Apesar de outro setor com forte presença de descendentes alemães, o fumageiro, ter apresentado números negativos em 2003, é indiscutível a sua importância para uma região-chave do RS, a de Santa Cruz do Sul.

Em Porto Alegre, assim como na região do vale do Sinos, a história dos alemães se confunde com a tradição e o enriquecimento econômico. Ao longo do século passado, nomes como Neugebauer, Gerdau e Renner ajudaram a Capital a se desenvolver.

João Gerdau, o fundador do verdadeiro império siderúrgico atual, chegou ao Brasil em 1869, vindo da Alemanha. O início do atual conglomerado foi em 1901, quando ele, após passar por Agudo e Três Cachoeiras, se mudou para Porto Alegre, comprando a Companhia Fábrica de Pregos Pontas de Paris, na rua Voluntários da Pátria. A história da fábrica, que passou a ser administrada pelo filho Hugo, é a mais conhecida dos gaúchos. A trajetória da segunda atividade econômica a que se dedicou a família não é tão famosa, mas foi igualmente inovadora. Em 1907, João comprou a indústria de móveis vergados, cuja direção ficou com o filho Walter. Foi essa indústria que introduziu no Rio Grande do Sul os móveis vergados ao estilo dos desenvolvidos pelo austríaco Michel Tonet no século XIX. A indústria viria depois a ser vendida e a marca, hoje Thonart, foi sempre vinculada à sofisticação.



A empresa de João Gerdau & Filho, que se estabeleceu em Porto Alegre

De acordo com ele, as roupas, idades, gênero, proporção entre crianças e adultos e até a estatura dos atores que participam da réplica são fiéis aos levantamentos históricos. Ele salienta que há mais de um ano a comissão vem se reunindo para tratar dos festejos alusivos à data, que neste domingo têm seu ponto mais alto, já que marca a data oficial da chegada dos imigrantes. "Será sem dúvida o momento mais importante."

Os atores envolvidos na encenação ensaiam desde maio. O espetáculo, rico em sons, será apresentado às margens do Rio dos Sinos. Também será utilizado como palco o barco Martim Pescador, que chegará navegando no local da apresentação, revivendo a chegada dos alemães à terra berço da imigração na região. Além de convidados locais, o evento terá a participação do governador Germano Rigotto e de prefeitos de toda a região. Também participarão o príncipe dom Philip Tasso de Saxe-Corburgo e Bragança e o chanceler da Alemanha, Hans Dietrich Bernhardt. "Tenho certeza de que será um momento marcante para todos", garante Prieto.

Após acompanharem a encenação, os convidados devem visitar os corredores da São LeopoldoFest, festa típica que começou no último dia 9 e se encerra neste domingo. À tarde está prevista a escolha da nova rainha da imigração alemã, que irá divulgar os festejos de 2005 alusivos à data.

## Mais tarde, a vez dos artesãos

A indústria coureiro-calçadista só surgiria no final do século, após a revolução industrial, com a chegada ao Vale do Sinos de novas levas de imigrantes com vocação para a indústria. De acordo com a coordenadora do Museu Nacional do Calçado em Novo Hamburgo, Ida Helena Thön, graças à "indole de artesãos"

os imigrantes criaram os curtumes para aproveitar os couros que eram jogados fora nas charqueadas da região. Segundo ela, o pioneiro no beneficiamento de couros com pedrume foi Nicolau Becker.

"Em 1824 já havia o plano do governo imperial de povoar o Sul do Brasil com mão-de-obra oriunda de países que não fossem inimigos de Portugal e não tivessem escravido, como era o caso da Alemanha e da Itália. A partir de São Leopoldo, foram povoados os vales do Cai, Jacuí e Taquari", conta o filósofo Antônio Sidekun. "No Vale do Sinos, os imigrantes fundaram colônias depois transformadas em cidades, de São Leopoldo até Nova Petrópolis. O objetivo da colonização também era proteger o território da invasão espanhola", diz Sidekun, organizador do livro "As Sombras do Orvalho", que analisa cultura, identidade e economia no processo de imigração.

Vários outros empreendedores de origem germânica escolheram Porto Alegre, especialmente a zona Norte, para estabelecer seus negócios. Foi assim com Fritz Gerhardt e com os irmãos Franz e Max Neugebauer, que, em 1891, logo após chegarem da Alemanha, fundaram aquela que viria a ser a mais antiga fábrica de chocolates do país, a Neugebauer. O antigo prédio integra hoje um projeto de preservação de áreas de interesse histórico e cultural. Em 1927, duas famílias de imigrantes alemães montaram uma fábrica para produção de tintas em pó. Era o início das Tintas Renner.